

MANDIOCA, COQUEIRO E FUMO

na opinião de Piso e Marcgrav, no século 17

Tra. de D. BENTO PICKEL

Piso (nome latinizado de Pies) escreve o seguinte das tres plantas mais uteis do Brasil ;

“Quando se contempla com mais afinco o reino vegetal do universo, creio que se não encontra no velho mundo plantas de igual valor do que as seguintes tres plantas americanas famosas e uteis. A primeira delas é a raiz “Mandioca”, que, ao mesmo tempo fornece alimento, veneno e seu antidoto em vastissimas regiões do mundo inteiro, como provei no lugar respectivo. (Vede : Revista de Agricultura, Vol. 13 (3-4 e 5-6, 1938). A segunda é aquela palmeira que produz as nozes “Cocos”, da qual não só se preparam varios remedios, e sim dá tambem uma bebida, e mesmo comida e vestido e outros productos uteis que as diversas partes das arvores fornecem. A terceira é o nosso “Petume” que, embora seja inferior ás duas anteriores, por não ter qualidades alimenticias todavia, as supera logo pelos suas virtudes medicinaes, cujos efeitos variados e discrepantes não é tão facil recapitular pelo que tratarei em resumo tão somente daqueles que foram por mim constatados pelo constante emprego”.

O COQUEIRO

Piso e Marcgrav (ou Markgraf) escrevem sobre esta palmeira, que dizem ser exotica e comum a ambas as Indias, no

livro : *Historia naturalis Brasiliae*, o primeiro no L. IV. cap. 10, p. 63, e o segundo no L. III cap. 14, p. 138. Sendo a descrição feita por ambos mais ou menos identica seguirei a de Marcgrav, porque elle a forneceu a Piso, intercalando as observações deste.

“A “Inaia gaçúiba”, cujos frutos os Brasilienses chamam “Inajaguacú”, chama-se no Congo “Ejaquiambutu” e os frutos “Quití inga quiambutu”, é uma palmeira rucifera ; os Lusitanos chamam-na “Coquiero” e seus frutos “Coco”, os quaes com seus tres foraminulos reproduzem a plantula. E’ uma arvore, com estepe raramente linheiro, e sim quasi sempre tortuoso, com 4 a 7 pés de grossura e 40 e ás vezes 50 pés de altura. A casca é cinzenta, como na nogueira e provida com marcas transversaes em redor aqui e acolá. O lenho não tem nenhum uso, pois, é formado de meros filamentos e turgecido por um succo doce quasi leitoso, pelo que a arvore derrubada é invadida pelas formigas. E’ desprovida de ramos. Na extremidade tem 15, 18-20 ou mais folhas grandes aladas (penadas), estendidas em roda, em parte erectas, em parte horizontaes e outras pendentes, de aspecto agradável. Na base essas folhas, são vestidas com um tecido natural, de côr grisalha, como se fosse pano crú de canhamo, tecido este que se solta com o tempo, e substituido por outro, é sacudido pelo vento. Cada folha tem o comprimento de cerca de 16 pés rhenanos e, na base, a largura de um pé mais ou menos, é dissecta em azas (foliolos) em fileiras juxtapostas e opostas ; cada foliolo tem cerca de 3 pés de comprimento ou maior, 2 dedos de largura e, em direcção da estremidade, mais estreito e acuminado, tendo no meio uma nervura longitudinal ossea, de côr amarellada e, transversalmente em ordem, estrias subtilissimas, verdes, (como ele todo) e carinado em toda extensão, com a cavidade para cima ; de consistencia como a folha de *Gladiolus*, de um verde gaio e luzidio. Por entre as folhas, na extremidade da arvore, nasce uma siliqua ou bainha (o espadice com a espata) de 2 a 2 1/2 pés mais ou menos de comprimento e, no meio 9 a 10 dedos de grossura, fastigiada, verde, estriada, que com o tempo escorece e se abre espontaneamente. Antes de abrir encontra-se no interior um caule elegantemente arrumado, de um pé de

comprimento e 3 ou 4 dedos de grossura, dividido em varios ramos de um pé ou 1 1/2 pé de comprimento, ramos estes que pela natureza são dispostos de tal maneira na teca que representem uma espiga grande. Esses ramos estão carregados em toda parte com corpusculos triangulares, do tamanho de amendoas, são brancos e os rudimentos das flores e depois das nozes ; pois, depois de aberta a bainha os ramos desdobram-se á maneira de um arbusculo e trazem flores pequenas e amarelas. Dali nascem os frutos, que são providos cada um de um pedunculo, da grossura de uma pena de ganso e adherindo a uma cupula feita de escamas, de côr ruivo-amarela. A noz, quando pequena, é verde, amadurecendo torna-se amarelo-palida, e completamente madura, tem côr de madeira, de forma oblonga ou oval e quasi triangular ; com 10, 12 ou 14 dedos de comprimento quasi sempre e com circumferencia de 2 ou mais pés. Consta o fruto inteiro primeiro do tegumento externo, segundo da casca, terceiro do nucleo e quarto de agua. O tegumento externo, por fora do glabro, é formado integralmente de fibras grossas, compridas, de côr ruiva como o linho, lembrando estopa grosseira e crúa de canhamo ; e no lado, por onde a noz adhire ao pedunculo, tem mais de dois dedos de grossura, nos outros lados mais ou menos um. A casca tem a grossura de um craneo humano e, no lado por onde adhire ao pedunculo, tem 3 póros que cabem um caroço de cereja. Na cavidade desta casca ou seja na superficie interna adhire o nucleo que, por sua vez, é revestido de uma cuticula na parte convexa (entre si e a casca), a qual tem côr ruiva e aspecto semelhante á noz moscada. O nucleo da noz madura tem a grossura de dois terços de um dedo, é branco e turgecido por um succo leitoso e sabe bem como as melhores avelãs. O nucleo de uma noz é o bastante para saciar tres pessoas. Existe, finalmente, naquella cavidade do nucleo uma agua, pouca por certo quando a noz é madura e o nucleo tem atingido seu volume perfeito, e então não é bôa para beber ; porem quando a noz é meio madura, a saber, quando o tegumento começa amarelecer, aquella cavidade é repleta de uma agua suavissima (pois, encerra uma pinta holandêsa ou mais) conforme o tamaho. Esta agua é então agradabilissima para

beber, doce, fresca e clara. Porem quando a agua é abundante, o nucleo é ainda mole e não tão gostoso. Por isso, escolhem-se, para beber-lhes a agua, as nozes meio maduras, e quando destinadas á comida, as inteiramente maduras; pois, essa agua serve de nutrimento ao nucleo. Do nucleo ma luro espreme-se um leite que se usa para preparar pratos de arroz.

Esta arvore encerra na extremidade uma medula alvissima quasi bulbosa, pois, ela pode ser desfeita em porções como os olhos ou cebolas. Chama se em latin "Palma" e quando se lha tira a arvore morre, donde o proverbio: *Levar a palma*. A medula é alvissima, entremeada de pontinhos, como se fossem poros, succulenta, de gosto doce e melhor que as mais saborosas nozes, come-se crua e pura, ou com azeite e vinagre, e tambem se cozinha. A arvore produz durante o ano inteiro e ao mesmo tempo flores, frutos verdes e maduros. Prefere os lugares maritimos e arenosos perto das cercas e muros; no Interior não se encontra ou mui raramente, ou caso fôr plantada ali fica esteril nem alcança a justa altura.

Direi agora tambem o modo de plantar, tudo de minha observação propria, pois, nada jamais escrevi que não tenha visto ou experimentado pessoalmente. O fruto inteiro ou seja a noz com seu tegumento coberto com terra ligeiramente ou, mesmo, deitado em cima da terra, germina sete mezes depois; transplanta se a muda com um ano de idade e dá os primeiros frutos depois de sete anos. O modo da germinação é o seguinte: Se a noz inteira com seu tegumento fôr metida na terra, sae daqueles póros um embrião filamentososo, que tem a origem daquela agua existente na noz; antes porem aquela agua se transforma em uma substancia esponjosa e alvissima tomando a forma de noz para que possa germinar dali o embrião. O embrião ao sair já está envolvido naquele tecido de canhamo e possui 3 ou 4 folhas estreitamente unidas, sem peciolo. Pois, quando chega á altura de 6, 8 ou 10 pés, ainda não tem outra cousa senão folhas e peciolos. E cada folha da muda é inteira, não cortada em alas (foliolos) como as velhas, mas dobrada como as capas das senhoras na Alemanha. No correr do tempo, porem, fendem-se espontaneamente e se tornam aladas, e então a arvore adquire aos poucos um estipe protegido

por aquela camada de tecidos de que se falou atraz. O embrião porem, do qual tratamos antes, quando sáe da noz, estende logo suas raizes filamentosas e amarelas sobre todo o tegumento espesso, as quais perfuram aqui e acolá essa parte tegumentar, sáem para fóra (são sem duvida de um pé ou mais de comprimento e da grossura de lumbrigas) e enfiam-se na terra; no decurso do tempo a noz apodrece toda. Indagando donde a planta retira seu alimento antes de firmar suas raizes na terra, o que não se dá logo, direi o seguinte. Já afirmei linhas acima que o embrião progermina daquela substancia esponjosas, pois, dela e tambem do nucleo que adhère á sua casca a plantulo se nutre, e por isso, quanto mais cedo se tirar uma plantula, a saber antes de penetrar com as raizes na terra, tanto, maior porção do nucleo se encontra e viceversa. A massa esponjosa apéga-se com tanta força á base da plantula, que se pode arranca-la da noz juntamente com o nucleo. As mudas ainda novas transplantam-se ou não; caso se queiram transplantar, faça-se isto no primeiro ou segundo ano de idade, a saber no mez de Junho ou Julho. (1) Podem-se transplantar tambem maiores, de 4 ou 5 anos, porem a maior parte morre. Vi porem transplantar tambem com feliz successo grandes com 24 ou mais anos, no ano de 1640 na Mauricéa, com a colaboração de uns 300 homens. Da casca da noz fazem copos belissimos”.

Alem daquillo que acabamos de ver, Piso acrescenta ainda os usos medicinais do coco e suas partes, como segue:

“(O nucleo) extraido come-se e não é inferior em nada a qualquer outro nucleo, mesmo o mais saboroso, porque nutre e refresca suavemente, por isso é muito procurado pelos viajantes extenuados pelo caminho longo e doentes de escorbuto. E’ quente e humido em primeiro gráu. O azeite extraido pela prensagem, é reservado para varios usos culinarios e farmaceuticos, porque não é inferior ao oleo de amendoas. O azeite tomado por via oral cura os males do peito e tomado em quantidade maior e laxativo; é sumamente util aos que foram atingidos pelo raio e é diuretico.

(1) No Nordeste.

Expreme-se alem disso um liquido ou gotas de côr branca, que tem eximias virtudes, pois, é utilissimo para mitigar os ardores renais e a gonorrhéa e como cosmetico das senhoras”.

O FUMO

Sobre o fumo Piso escreve em sua obra : De Indiae utriusque re naturali et medica, de 1658, no Lib. 4, Cap. 43, pg. 206 o seguinte :

“A celebre planta “Tabaco” ou “Petum”, chamada pelos Brasiilienses “Petume”, encontra-se em quasi todos os lugares das Indias Occidentais e desde a antiguidade tem sido estimada pelos Indigenas para curar feridas principalmente. Os Europeus tendo conhecimento deste fato indagaram tambem os demais usos e começaram aplicar por sua vez a planta, primeiro as folhas verdes e o suco delas para varios misteres e depois as folhas secas como abuso e para goso, de tal maneira que a fumaça do fumo infesta agora todo o universo como um vento hibernal. Por isso, abstenho-me de escrever sobre as suas qualidades, já demais conhecidas de todos, e referirei somente aquelas virtudes que a planta viva tem na sua terra de origem para a cura dos doentes. Creio que mesmo ao novel estudante de Botanica não sejam desconhecidas suas egregias virtudes de calefaciente e secante, porem acho que talvez nem todos conheçam que é tambem abstergente, purgativa, erosiva, resolutiva, astringente e tambem antidotal. Por isso não é chamada sem razão esta Nicotiana pelos Lusitanos de “Herva santa”.

(E' daqui o trecho supra que tomei para introduccão do presente artigo).

“Alguns dão duas e outras varias especies de “Petum” ou Tabuco, eu porem apresento estampa e discripção tão somente da especie “Macho” ou seja a maior, a qual ás vezes adquire maior porte que um frutice, se fôr plantada em solo lavrado e fertil. Das raizes numerosas, filamentosas e amargas são um caule unico e grosso produzindo ramos que se estendem elegantemente e cobertas densamente com folhas grandes e amplas, não dissimilhantes das de Solanum e Oxylapathum e abraçando o dito caule e os ramos, visto não terem nenhum

peciolo. Planta-se todo o ano, porem deve ser resguardado do frio principalmente, e neste caso tambem não despreza o solo europeu, embora seja menos apropriado para fins medicinais. Florece só uma vez na extremidade dos ramos, sendo as flores brancas e tendente ao purpureo, da forma de campanula, ás quais depois de caidas sucedem uma como cabecinhas de papoula repletas de sementes pretas e pequenas.

Vejamos agora os prestimos que cada parte da planta nos fornece. As folhas verdes, seu succo e o balsamo não somente põem um freio ás ulceras cancerosas, mas curam tambem as mordeduras venenosas. A agua ou outro liquido, no qual fôr macerado o fumo, mata os piolhos e sara muitas afecções cutaneas da cabeça. As cinzas das folhas secas matam os vermes mastigadas (as folhas) mitigam o cansaço e a fome dos viajantes pelo deserto, como aconteceu a mim e aos meus companheiros. Fortifica o estomago e o coração com seu forte aroma. Se porem a fumaça aspirada por um tubo ou o pó triturado e usado em forma de rapé expurga o cerebro, ou causa sono em alguns e tontura nos outros, aqueles o deverão saber que continuamente levam consigo ambas as cousas. O xarope de fumo, finalmente, (cujo preparo dei ao tratar das doenças endemicas) é muito util aos asmaticos e hidropicos, especialmente se neles predomina um estado frigido e viscoso, porque corta e age energicamente.

Porem, como já verifiquei, acontece muitas vezes aos indios e aos que os imitam, a mesma cousa que aos charlatães europeus, que se deixem seduzir pela credulidade supersticiosa ou pela ganancia do dinheiro, e por isso, deve se ter a precaução de não considerar esta planta como panacéa e não emprega-la em todos os incomodos. Pois, a folha e seu suco, a infusão e o xarope de fumo, como causam violento desarranjo no ventre, provocando vomitos ou diarréa, não aconselhei o seu uso aos biliosos ou aos que tem constituição delicada. Por isso, aparecem frequentemente indicios de intoxicação no corpo dos habitantes em clima quente, de sorte que insisto em usar o fumo antes em applicação externa do que em interna”.

Piso apresenta uma estampa do Fumo, da qual Usteri (2) afirma ser a *Nicotiana Langsdorffi* Weilm, porem pela descrição de Piso não ha duvida tratar-se da *N. tabacum* L.

Marcgrav refere-se ao Fumo nos termos seguintes quando trata da "Comida e bebida dos Brasileenses" no Lib. 8. cap. 8, pg. 274 :

"Todos os habitantes do Brasil fumam o Tabaco mui frequentemente, e chamam essa herba "Petima" e suas folhas "Petimaoba". Depois de enchuta ao ar colocam-na junto do fogo até que se deixe pulverizar entre as mãos e com ela enchem seus cachimbos, feitos da casca dos frutos da Pindoba, Uru-curiba ou Juçara ou Aqué" etc. Para isso cortam uma das extremidades, tiram o nucleo e alizam a casca, fazendo em seguida um orificio de lado e aí enfiam um tubo pequeno de madeira. Este instrumento chamam "Petimbuaba", os Luzos por corruptela "Catimbaba" e os Belgas ainda mais erradamente "Katgenbow". Usam tambem tubos de argila que fazem e cozem, da mesma forma como os que trazem da Europa e chamam-nos "Amrupetimbuaba". Os Tapuias usam tubos direitos e largos, de madeira ou de argila e tão largos que cabem um punhado inteiro de fumo ; depois de os encherem acendem-nos e bebem a fumaça".

(2). Dr. A. Usteri. Flora der Umgebung der Stadt São Paulo. Jena. Fischer. 1911. pg. 6.